

PARA UM TEXTO CRÍTICO DOS ΠΡΟΓΥΜΝΑΣΜΑΤΑ
DE ÉLIO TÉON: LEITURA DE UM PASSO DO CAPÍTULO
ΠΕΡΙ ΜΥΘΟΥ (Butts 4.167, p. 276 = Spengel 78.9)*

Rui Miguel de Oliveira Duarte
Universidade de Aveiro

La última edición de Elio Teón de Alejandría por James R. Butts (Claremont 1987) tiene un error en el capítulo Περὶ Μύθου (4.167 p. 276): el dativo plural ἔκθεσι. Esto presupone un lema inexistente en Griego: ἔκθος, τους. Butts retira su variante de la edición de Scheffer (Uppsala 1670), todavía sin comentarla. Este problema es analizado aquí en cuanto a (1) discusión del contexto del pasaje; (2) historia de las variantes. Scheffer intenta corregir la variante de Heinsius (Leiden 1626), incoerente en el contexto: ἔθεισι. Heinsius adopta el texto de la edición de Kämmerer (Basil 1541). Todos los MSS. registran la variante ἤθεισι, y la edición Spengel la sigue. La variante de Heinsius es probablemente un error de transcripción de Kämmerer, por influencia de la fonología etacista. En conclusión, la variante correcta es ἤθεισι.

* Saiu em Março de 1997 nova edição dos Προγυμνάσματα de Élio Téon, para "Les Belles Letres": Michel Patillon. *Aelius Théon, Progymnasmata* (Paris 1997). O trabalho de Patillon produz, indirectamente, a mesma conclusão para que o nosso estudo aponta, passando à margem, no aparato crítico (p. 38.10), do facto de o problema ter surgido de um erro do editor Scheffer, erro repetido por Butts. O próprio Professor M. Patillon, com quem contactámos, aquando da publicação da sua edição do texto, nos disse por carta que se tratava de um *lapsus*. O nosso estudo parece resultar, assim, como cientificamente desactualizado face ao trabalho de M. Patillon. É, porém, a este respeito, necessário fazer uma dupla advertência: primeiro, foi proposto à revista *Habis* em Maio de 1996, ninda que a sua publicação apenas tenha sido possível em 1998; segundo, foi produzido sem conhecer o trabalho que paralelamente Michel Patillon preparava sobre o retor de Alexandria. Quanto ao mérito do trabalho do professor francês, estamos, efectivamente, mais perto que nunca da edição *perfectissima* de Téon. A obra está enfim completa: os materiais perdidos (parte do capítulo 12 e os capítulos 13-17) foram todos recuperados, através da tradução arménia, graças à colaboração de Giancarlo Bolognesi (cf. infra n. 4) e traduzidos, por sua vez, para o francês.

The latest edition of Aelius Theon of Alexandria by James R. Butts (Claremont 1987) has an error in the Περὶ Μύθου chapter (4.167 p. 276): ἔκθεσι, a plural dative. This presumes a non-existent lemma in Greek: ἔκθος, τους. Butts takes this variant from Scheffer's edition (Uppsala 1670), without any comment. This problem is analysed here in terms of (1) discussion of the context of the passage; (2) history of the variants. Scheffer's variant tries to correct Heinsius' (Leiden 1626), incoherent relating to the context: ἔθεσι. Heinsius takes his text from Kämmerer's edition (Basil 1541). All MSS. have the ἦθεσι variant as well as the Spengel edition. Heinsius' variant is probably a transcription error from Kämmerer, influenced by the etaciste phonology. In conclusion, the correct variant of this passage is ἦθεσι.

O estabelecimento de um texto crítico credível e definitivo do manual de Προγυμνάσματα do retor Élio Téon de Alexandria tem constituído, ao longo de séculos e em virtude de variadas circunstâncias, um vero trabalho de Sísifo¹. Muito recentemente, porém, veio a lume, sob a responsabilidade de James Butts², a primeira edição crítica concluída de Téon em que se pode depositar confiança³. Este trabalho é o resultado de um estudo muito profundo, não só de toda a tradição manuscrita e editorial grega, como também do contributo da tradução arménia para a reconstituição do texto grego, tal como se conjectura haja sido redigido pelo próprio Téon⁴.

¹ Longa e complexa tem sido a história do texto de Téon, desde a sua transmissão manuscrita (havendo sofrido mutilações e adulterações profundas na sua estrutura e organização internas) e as edições críticas que dele foram sendo produzidas (concluídas umas e não publicadas outras, mas quase todas de uma forma geral acusando erros filológicos), até ao autêntico trabalho de filigrana, iniciado em finais do século passado, que tem sido o da sua reconstituição, solidamente apoiado em profundos estudos de crítica textual e de conteúdo. Não sendo este especificamente o objecto do presente artigo, limitamo-nos, para uma visão completa de todos estes problemas, a remeter para os estudos seguintes: O. P. Hoppichler, *De Theone, Hermogene, Aphonioque Progyrnasmatum Scriptoribus* (Würzburg 1884); G. Reichel, *Quaestiones progymnasticae* (Lipsia 1909); W. Stegemann, «Theon», in *RE* V, 2 (1934) cols. 2037-2054; e sobretudo I. Lana, *I Progimnasmata di Elio Teone*, vol I: *La storia del testo* (Turim 1959), estudo crítico descritivo, profundo e completo de toda a tradição manuscrita directa e indirecta grega e de todas as edições até ao seu tempo produzidas.

² James R. Butts, *The «Progyrnasmata» of Theon: a new text with translation and commentary*, Ph.D. Diss. (Claremont 1987).

³ O trabalho de Lana supracitado, a seguir ao qual se previam dois outros volumes, respectivamente com um estudo sobre a tradução arménia em confronto com o texto grego e com o seu próprio texto crítico, nunca viria a ter, como se sabe, qualquer continuidade.

⁴ A descoberta de dois códices, o cod. 8371, do século XVII e o cod. 3466, do século XIII, do Matenadaran de Erivan (descobertos, respectivamente, em 1925 e em 1969), com uma tradução arménia do século VI, viria a comprovar-se fundamental para que tal tarefa de reconstituição pudesse ser conduzida a bom porto. Proveniente de uma tradição do texto melhor e mais antiga, a tradução arménia revela além disso uma escrupulosa fidelidade em relação ao original, a ponto de impregnar a língua arménia de traços «helénicos». Assim, não só corrobora muitas das correcções já propostas nos estudos que citámos (vd. supra n. 1) para o texto grego como também permite a conjectura de outras. Os primeiros estudos a assinalarem a importância desta tradução arménia para a crítica textual do Téon grego devem-se a dois estudiosos arménios: N. Akinean, «Yalags cartasanakan kr'ut'eanc», *Handes Amsoreay. Zeitschrift für armenische Philologie* 48 (1934) coll. 197-212: primeiro estudo sobre o cod.

O aparecimento deste trabalho foi, efectivamente, uma excelente notícia para quantos havia muito aguardavam um texto crítico de Téon a que fosse possível fazer referência como fiável. Todavia, não é ainda esta a sua edição *perfectissima*. Essencialmente por duas ordens de razões.

Primeiramente, estamos ainda muito longe de poder avaliar toda a importância que possa ter a tradução arménia para a reconstituição do texto grego⁵. Em segundo lugar, o texto fixado por Butts contém alguns erros⁶. Há um que especialmente nos coloca dificuldades diversas e bastante sérias à sua leitura e interpretação e, conseqüentemente, à opção pela lição correcta. É o caso de ἐκθεσι (4. 167 p. 276).

É precisamente este problema que se vai de seguida analisar. Ao fazê-lo, não temos outro propósito a não ser o de, lançando algumas pistas de reflexão, dar um modesto contributo para uma melhor edição crítica do texto dos Προγυμνάσματα de Téon⁷. Esperamos que possa vir a aproveitar de algum modo a quem assumir levar a cabo uma tal tarefa. Seguir-se-ão duas perspectivas na análise: (1) uma discussão de conteúdo do contexto do passo; (2) a história das variantes.

(1) DISCUSSÃO DAS VÁRIAS LIÇÕES NO CONTEXTO DO PASSO

Apreciar-se-á em primeiro lugar como se poderão justificar as lições para este passo, à luz do seu sentido e contexto. Efectivamente, verifica-se que não existe

8371; Hacob Manandian, *T' eovneay Yalags cartasanakan krt' ut' eanc* (Erivan 1938): edição crítica do texto arménio acompanhado do texto grego publicado pela Teubner por L. Spengel, *Rhetores Graeci II* (Lípsia 1854) 59-130 (*praefatio* V-VII). Foi, no entanto, Giancarlo Bolognesi quem verdadeiramente apontou a necessidade de, para a reconstituição do texto grego, se fazer um profundo trabalho de confronto com o arménio, frase a frase, palavra a palavra, partícula a partícula. Vd. os seus estudos profundos destes documentos: «La traduzione armena dei Progymnasmata di Elio Teone», *RAL* 17 (1962) 86-125 e 211-257: estudo de alguns pontos do texto arménio e confronto com o grego de Spengel; id. «Nuovi contributi allo studio del testo armeno dei Progymnasmata di Elio Teone», *Athenaeum* 47 (1969) 32-38: estudo preliminar de comparação entre os dois códices arménios; id., «La tradizione manoscritta del 'Yalags cartasanakan krt' ut' eanc' alla luce di un nuovo documento», *Handes Amsoreay* 90 (1976) coll. 319-338: estudo mais completo de comparação entre os dois códices. É nos estudos do filólogo italiano que J. Butts (*op. cit.* 65-70) baseia a sua discussão da tradução arménia. E a verdade é que, depois de Bolognesi, este trabalho ingente tem paulatinamente vindo a dar frutos. O mais recente de que temos notícia é o artigo de V. Calzolari, «La versione armena di Theon, Progymn. IV Spengel», *RIL* 123 (1989) 193-219, especificamente dedicado ao capítulo Περί διηγῆματος (capítulo IV na ed. Spengel, cujo texto é compulsado com o da ed. Butts, cap. 5, entretanto surgida). Outros estudos são aí pela estudiosa italiana citados na iminência de produção ou publicação: um estudo da própria com propostas de melhoramento da ed. de Manandian com base no cod. 3466 e num terceiro MS. arménio descoberto, o cod. 9826 do Matenadaran de Erivan, do séc. XVII (inédito), por ela colacionados na parte respeitante ao referido capítulo; dois estudos de G. Ulohogian, «Ricerche filologiche-linguistiche su antiche traduzioni di testi greci» e «La versione armena di Teone, miniera per il recupero di testi classici».

⁵ Vd. n. anterior.

⁶ Cf. apreciação da obra de Butts no nosso Trabalho de Síntese publicado na Universidade da Madeira *Os Exercícios Preparatórios de Élio Téon de Alexandria* (Funchal 1995) 55-58.

⁷ Talvez sintomaticamente, Butts apresenta o seu texto apenas como «a new text», não como «the new text» ou «the text».

consenso entre as várias edições quanto à lição a adoptar aqui: ἤθεσι, em todos os códices e nas edições de Barbato⁸, Kämmerer⁹, Finckh¹⁰ e Spengel¹¹; ἔθεσι, nas edições de Heinsius¹² e Walz¹³; finalmente, ἔκθεσι, além de ser a lição de Butts, é também a de Scheffer¹⁴.

Principie-se por interpretar o passo em questão. No último parágrafo do capítulo 4 Περὶ μύθου, Téon discute a forma de perorar um discurso baseado numa fábula, recomendando, por um lado, o uso da recapitulação quando o orador dispõe, em abundância e força, de refutações e confirmações como argumentos no discurso, e, por outro, de procedimentos vários para compensar a sua carência e fragilidade. Neste último caso:

χρησόμεθα δὲ ἐνταῦθα καὶ τῷ διασύρειν, αὐξήσεσι ἢ μειώσεσι, καὶ παρεκβάσει, καὶ ἔκθεσι, καὶ ἀπλῶς πάσαις ταῖς τῶν λόγων ιδέαις¹⁵.

Os termos que designam os procedimentos — ou, como Téon diz, ιδέαι λόγων «formas específicas de composição», — encontram-se todos, obrigatoriamente, em dativo, por força da regência do verbo χρῆσθαι. E ἔκθεσι não parece deixar dúvidas como forma de dativo plural.

É necessário primeiro justificar a rejeição das demais lições, em benefício de ἔκθεσι. Nas suas anotações, Scheffer advertiu para o facto de Téon estar aqui a mencionar ιδέαι λόγων, princípio que desde logo restringe a variedade de alternativas possíveis de interpretação. Note-se, porém, que já Kämmerer e Heinsius assim o tinham entendido, ao verterem em latim por *orationis forma*¹⁶. Nele fundamenta Scheffer a sua opção e a reprovação de ἔθεσι: “Memorat hic ιδέαις λόγων, ut mox ipse testatur. at τὰ ἔθη nunquam in hoc censu”. Também aceitamos este princípio como válido. Butts, no seu aparato, regista as várias lições e cita as razões de Scheffer, que faz suas: “In adn. recte habet...”. Neste sentido, também não seria válida a interpretação pela lição ἤθεσι. Estranhamente, porém, nem Scheffer nem Butts oferecem quaisquer justificações para que também esta seja de reprovar.

⁸ É a *editio princeps*, por Angelo Barbato (Roma 1520).

⁹ Ed. Joachim Kämmerer ou Camerarius (Basileia 1541) 29. Além do texto grego, Kämmerer fornece ainda uma tradução latina de sua autoria.

¹⁰ Ed. Eberhard Finckh (Estugarda 1834).

¹¹ Ed. Leonard Spengel *op. cit.* 78,9.

¹² Ed. Daniel Heinsius (Leiden 1626) 39.

¹³ *Apud* Christian Walz, *Rhetores Graeci* vol. I (Estugarda 1832) cap. III 181.18-19 e a anotação 54 do aparato crítico. Walz cita muito desta edição. Nenhum dos editores e críticos seguintes, porém, localizou qualquer exemplar dela, pelo que se encontra desaparecida (cf. Finckh, *op. cit.*, *praefatio*, XXI e Lana, *op. cit.* 83 n. 13). Assim, tudo quanto dela sabemos é por meio de citações de Walz.

¹⁴ Ed. Johannes Scheffer (Uppsala 1670), *apud* Walz, *loc. cit.*

¹⁵ 4.166-168 p. 276. «Servir-nos-emos então também da depreciação, de amplificações ou diminuições, da digressão, de ἔκθεσι e, em suma, de todos as formas específicas de composição».

¹⁶ Respectivamente 263 e 39.

Não obstante, deve notar-se que a delineação de ἦθη pode ser utilizada a par da amplificação e da digressão. É o que nos diz o próprio Téon no final do capítulo 3 Περὶ χρείας: ao discutir o uso da cria como base para a elaboração de um discurso de argumentação de uma tese¹⁷ em níveis pedagógicos mais especializados, sugere, como estratégias argumentativas, o recurso a estes três procedimentos retóricos. Além disso, a delineação de ἦθη é efectivamente uma ἰδέα λόγων; mais ainda: trata-se de um προγύμνασμα de composição autónomo. É em Téon a προσωποποιία (cap. 8)¹⁸. Não nos parecerá, portanto, que esta seja de todo uma interpretação para rejeitar.

Aceitando pois a adopção da lição ἔκθεσι, Butts, na nota 1 à sua tradução (p. 278), ao resumir esquematicamente a estrutura do capítulo, aponta (III.D.2.) «expositions». Contraditoriamente, na tradução (p. 277), verte por «deletion» «destruição; rasura; apagamento», incoerente face a «expositions».

Por um lado, ἔκθεσι seria talvez forma do substantivo ἔκθεσις, ἔως «exposição; apresentação». Porém, mais se assemelharia à forma de acusativo singular ἔκθεσιν se se postulasse um -ν final eufónico, ao passo que a de dativo plural seria ἐκθέσει. Haveria ainda uma outra possibilidade: tratar-se-ia da forma do dativo, não forçosamente plural, mas singular. Walz, ao citar Scheffer no aparato crítico¹⁹, acrescenta um parêntese seu em que admite, laconicamente e sem mais justificação, um lapso de Scheffer: ἔκθεσι quando pretenderia ἐκθέσει. Diz Walz: «[credo ἐκθέσει]». Em suma, pois, a ser sustentável a interpretação ἔκθεσις, ἔως, uma de duas lições poderia ser de admitir: o dativo singular ἐκθέσει ou o plural ἐκθέσει. Mas poderíamos apresentar duas objecções a esta hipótese: em primeiro lugar, não se entende «exposição» ou «apresentação» como uma ἰδέα λόγων; em segundo, «exposição» ou «apresentação» cuius rei?

Por outro lado, fica por esclarecer qual é o termo grego em questão neste *hapax* ἔκθεσι, que Butts verte por «deletion». Efectivamente, havendo consultado os melhores dicionários e léxicos²⁰, não encontramos qualquer lema ἔκθος, ἔως.

Poder-se-ia propor à discussão a seguinte hipótese: em vez de ἔκθεσι, a lição pretendida por Scheffer seria ἔχθεσι. O substantivo em causa seria, pois, ἔχθος,

¹⁷ 3.283-291 pp. 220-222 = Spengel 105.26-106.3. Cf. 11.19-20 p. 524 = Spengel 120.31-121.2.

¹⁸ Em Hermógenes e Aftónio (cf. as edições da Teubner de Hugo Rabe, respectivamente *Rhet. Gr.* vol. VI (Lipsia 1913) 20.6-22.5 e *Rhet. Gr.* vol. X (Lipsia 1926) 34.1-36.20) este exercício é designado por ἠθοποιία. Estes últimos, ao contrário de Téon, distinguem espécies desta composição, em função do seu objecto: a ἠθοποιία, construção do ἦθος de uma personagem real; a εἰδωλοποιία, construção do ἦθος de uma personagem real, porém mortã a προσωποποιία, atribuição de vida e ἦθος a um ser inanimado.

¹⁹ *Loc. cit.*

²⁰ Os dicionários gerais de grego-francês de Bailly, de grego-inglês de Liddell—Scott—Jones de Oxford, o *Thesaurus Graeca Linguae*, de Stephanus, o *Greek Lexicon of the Roman and the Byzantine periods from B. C. 14 to A. D. 1100* de E. A. Sophocles; e os seguintes léxicos: Lausberg, *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft* (Munique 1960) — trad. esp. de José Pérez Riesco, *Manual de retórica literaria. Fundamentos de una ciencia de la literatura* (Madrid 1990); e de Chr. G. Ernesti, *Lexicon Technologiae Graecorum Rhetoricae* (Lipsia 1795 [Hildesheim 1962]).

τους «ódio; inveja; inimizade; hostilidade; animadversão». Tratar-se-ia de um mero e muito natural lapso de ortografia. Esta conjectura sustentar-se-ia no contexto.

De facto, parece que estamos perante uma espécie de apelo argumentativo emocional, por meio do qual se procura suscitar no ânimo do auditório e dos juízes uma antipatia mais ou menos veemente contra a parte adversária. Na retórica latina, entre tais *affectus* contam-se a *indignatio* e a *invidia*.

O primeiro deles é explorado de preferência na peroração, e é equivalente terminologicamente ao grego δεινωσις²¹. O segundo termo, por seu turno, é correspondente exacta e literalmente na língua comum ao grego ἔχθος. Nada impede, em princípio, que esta correspondência se mantenha na língua técnica da retórica, pese embora o termo grego não se encontre atestado como tecnologismo, ao contrário do latino²². Pensamos mesmo que, como é mais provável, o termo latino seria a tradução do grego, como em geral tudo quanto é tecnologismo retórico²³. Por outro lado, a digressão pode revestir, entre outras estratégias afectivas²⁴, a forma dos *affectus* da *indignatio* e da *invidia*, pelos meios da amplificação e da diminuição — três procedimentos que constituem, efectivamente, ἰδέαι λόγων.

Notar-se-á, além disso, que o διασυρμός ou «depreciação»²⁵ da parte adversária através da *ironia* se aproxima da *invidia* (ἔχθος) quanto à finalidade e ao efeito, isto é, *extenuandae rei causa*²⁶.

Em suma, verifica-se também que parece não haver absoluta incompatibilidade entre esta interpretação e a versão «deletion» de Butts²⁷.

A tradução arménia de nenhum auxílio nos servirá para o esclarecimento deste problema, pois apresenta uma lacuna neste passo²⁸.

²¹ Vd. Lausberg, *op cit* §§ 433 e 438 e Ernesti, *op. cit.* 70 e *Lexicon Technologiae Latinorum Rhetoricae* (Lípsia 1797 [Hildesheim 1962]) 212-213.

²² Em Lausberg, *op cit.*, vd., sobre a *invidia* como *affectus* dirigido contra a parte contrincante, os §§ 272, 276, 289, 313, 341, 382, 767, 768, 856 e, como *causa* psicológica da acção, os §§ 379 e 939, 3a. Em Ernesti, por seu lado, não há qualquer referência nem a ἔχθος nem a *invidia*.

²³ Aliás, boa parte das fontes teóricas gregas, de que as latinas constituem geralmente traduções ou adaptações, desapareceram. Algumas encontram-se incompletas; de outras restam apenas fragmentos. Este tecnologismo latino seria um de tais casos de fonte grega para nós indeterminada. Vd. as colecções *Rhetores Graeci*, esforço de edição de toda a tradição teórica retórica grega disponível (cf. referências em Lausberg, *op. cit.* 48).

²⁴ Lausberg, *op. cit.* § 341. Quint. *Inst.* 4.3.15-16, neste passo aí citado, vai ainda mais longe: para ele, *omne affectus genus* investido no discurso constitui por si só, pelo simples facto de ser sempre um desvio ao núcleo da *quaestio*, uma digressão.

²⁵ O texto de Téon tem o infinitivo substantivado do verbo cognato διασύρειν.

²⁶ Vd. Ernesti, *Lexicon Graecorum...* 83, a propósito de διασυρμός.

²⁷ Desenvolemos diligências no sentido de obter o contacto actual de James R. Butts a fim de o interrogarmos sobre todo este problema, as quais, infelizmente, não foram coroadas de sucesso.

²⁸ Cf. G. Bolognesi, «La traduzione armena...» 231.

(2) A HISTÓRIA DAS VARIANTES

Da análise a que se procedeu do grau de probabilidade das variantes, partindo da interpretação do sentido e contexto do passo, resultou a presunção da preferência de umas relativamente às outras. Todavia, há outras premissas fundamentais que não será possível menosprezar para a solução deste problema. Ao procurar estabelecer a melhor lição para o texto, a crítica textual deve operar uma descrição histórica das circunstâncias do aparecimento das variantes. É necessário investigar quem é responsável por elas, quando, onde e como elas apareceram e ainda de que modo elas se relacionam entre si (se uma representa uma correcção de outra considerada errada pelo copista ou editor ou se se trata de um mero *lapsus calami*).

No caso que é objecto da presente discussão, há que lembrar, como ponto de partida, que a lição ἐκθεσι é da responsabilidade de Scheffer, tendo sido seguida por Butts. A primeira questão que daqui surge é a seguinte: por que motivos adoptou Scheffer esta lição? A ela já se deu resposta: pretendia corrigir a lição ἔθεισι de Heinsius, e já foi analisado com base em que pressupostos. Segunda questão: por que motivos seria a lição ἦθεισι de rejeitar, já que Scheffer nada diz a esse respeito? Já acima manifestámos a nossa perplexidade perante este facto. Segundo Walz²⁹, Scheffer ter-se-ia limitado na generalidade a reproduzir o texto grego e a respectiva tradução latina da edição de Heinsius, acrescentando de seu somente algumas anotações. Assim sendo, Scheffer desconheceria qualquer outra fonte do texto de Téon, compreendendo-se, deste modo, a inexistência da mínima referência àquela lição. Já em Butts, que conhecia todas as variantes e todas as fontes, continua a ser estranha a não justificação da sua rejeição de ἦθεισι.

Assim, somos chegados à raiz de todo o problema: a edição de Heinsius. Como se referiu acima, todos os códices e todas as edições até à de Heinsius registam a lição ἦθεισι. Heinsius retira quer o texto grego, quer a tradução latina, com algumas revisões³⁰, da edição de Kämmerer. Esta, por sua vez, reproduz o texto grego da *princeps*, também com correcções³¹. Duas novas questões se deverão aqui colocar. Primeira: por que alterou Heinsius a lição? Segunda: como reflecte a tradução latina tal alteração?

Kämmerer traduz o passo da seguinte forma:

*usurpabimus et exagitationes, in amplificando, eleuando, egrediendo, in affectibus, omni denique orationis forma*³².

²⁹ *Op. cit.* 144.

³⁰ Lana, *op. cit.* 82.

³¹ *Ib.* 81-82. O texto da *princeps* baseia-se numa cópia do codex Estensis 116 (α.P.5.14), da Biblioteca Estense de Modena (M), da segunda metade do século XV (Vd. Lana, *op. cit.* 65-71).

³² *Op. cit.* 263.

A tradução de Heinsius é muito semelhante:

*usurpabimus et exagitationes sic et amplificationes, et eleuationes et digressiones, et affectus, omnemque denique orationes forma*³³.

Affectus é a interpretação que um e outro dão, respectivamente, de ἦθη e ἔθη.

Com efeito, a Ética, ramo da filosofia antiga precursor dos estudos de psicologia e que forneceu à Retórica, desde Aristóteles, os fundamentos epistemológicos para a sua teorização da persuasão afectiva, considerava haver duas espécies de emoções no homem: os ἦθη, emoções ou estados de espírito serenos; e os πάθη, emoções ou sentimentos fortes. Os primeiros são estáveis e permanentes. Daí ἦθος designar o “carácter” ou “feito” de um indivíduo: brandura, bondade, simpatia, benevolência, humor, virtude. Os segundos, pelo contrário, por exorbitarem da disposição anímica habitual, são passageiros e facilmente manipuláveis, impelindo o indivíduo a uma acção. São eles, por exemplo: paixão, repulsa, amor, ódio, inveja, ira, medo, compaixão, perturbação³⁴. Como explica Quintiliano, a esta última espécie chamaram os retores latinos propriamente *affectus*. Àqueles, por inexistência em latim de um termo específico, chamaram *affectus mites* ou *lenes*³⁵. Esta é precisamente a interpretação de Heinsius, no citado passo do fim do capítulo dedicado à *cria*, ao verter ἦθη por *leniores affectus*³⁶, onde Kämmerer, por seu turno, havia vertido simplesmente por *affectus*³⁷. A versão de ἦθη (ou ἔθη) por *affectus* parece, assim, ser demasiado vaga e conceptualmente imprecisa.

Porém, se interpretar e verter ἦθος, ῶς por *affectus* ou emoções faz algum sentido, o mesmo não se pode dizer relativamente a ἔθος, ῶς. Terá Heinsius, no entanto, sentido haver uma relação semântica e paronímica entre os dois vocábulos, pela sua semelhança fonológica e morfológica?

Esta seria uma explicação possível. Com efeito, existe uma relação etimológica entre os substantivos ἦθος, ῶς e ἔθος, ῶς. Assentam ambos no lexema *swedh-, com o significado de “hábito, costume”³⁸. O vocalismo do lexema é alternante em quantidade: breve, por exemplo, em ἔθος ou no verbo εἴωθα e longo em ἦθος. Ora ἔθος conserva o significado básico do lexema “hábito, costume”. Por seu turno, ἦθος evoluiu semanticamente para um significado mais especializado: “maneira de ser ou estado de espírito habitual de um indivíduo, carácter, temperamento, comportamento, costume, conduta”. Entre os adjectivos derivados destes dois substantivos, existem casos de sinonímia: ἦθας, ἄδος, e ἐθάς, ἄδος,

³³ *Op. cit.* 39.

³⁴ Cf. Ἀνωϊόμου τέχνη ῥητορικῆ, ed. Spengel, *Rhetores Graeci* I pars II (Líspia 1853-1856) 6.1, p. 353.7 (2ª ed. cur. C. Hammer): ἔστι δὲ πάθος πρόσκαιρος κατάστασις ψυχῆς, σφοδρῶτε-
ραν ὄρμην ἢ ἀφορμὴν κινουῖσα, ὅλον ἔλεον, ὀργήν, φόβον, μῖσος, ἐπιθυμίαν διαφέρει δὲ τοῦ ἦθους, ὅτι τὸ μὲν δυσκίνητον, τὸ δὲ εὐκίνητον.

³⁵ Cf. *Quint. Inst.* 4.2.8 sqq.

³⁶ *Op. cit.* 85.

³⁷ *Op. cit.* 307.

³⁸ Cf. latim *suesco*.

com o significado de “habitual, familiar, habituado ou acostumado a”. Em outros casos, porém, há já especialização de significado: ἡθικός, τῆ, ὄν, “relativo ao carácter, moral”, e ἔθικός, τῆ, ὄν “relativo ao costume, habitual”³⁹.

Por outro lado, ambos os termos suportam uma outra interpretação em latim: a de *mos, moris*. Este vocábulo latino significa precisamente “costume, hábito, norma ética de conduta” quer social, quer individual. Neste sentido, pode equivaler, em certa medida, a ἔθος. Porém, os dois termos jamais se confundem semanticamente, sobretudo na língua técnica. O estudo dos ἦθη ou valores morais, costumes e carácter (ou estados ou maneiras de ser psicológicos) dos indivíduos constituía, como se disse atrás, um ramo especializado da filosofia antiga, a ἠθική. Foi daqui, e não de ἔθική, que derivou o nosso termo “ética”. Os *affectus*, ou *habitus mentis* (“estados de espírito”), ainda segundo Quintiliano⁴⁰, são apenas um aspecto específico dos ἦθη ou *mores*. Por isso, os latinos chamaram *moralis* à ἠθική. Isto é mais claro se pensarmos na noção de *mores oratoris*, a que se refere o mesmo autor⁴¹. É justamente o ἦθος τοῦ λέγοντος de que se trata, uma das três provas artísticas, na tradição da retórica aristotélica⁴².

Com tudo isto, a alteração de ἦθος para ἔθος em Heinsius terá uma outra razão, que não a da confusão semântica. ἦθος é um tecnologismo fundamental da disciplina da retórica, ἔθος nunca o é. Um editor de uma obra de retórica deveria sabê-lo. E o termo aparece amiúde na obra de Téon. Trata-se, em nosso ver, de um mero lapso de ortografia na transcrição do texto de Kämmerer, por semelhança fonológica e morfológica entre duas palavras.

Com efeito, cremos que este erro poderá resultar da influência da pronúncia etacista ou erasmiana do grego, revivalista da da época “clássica” e entretanto já institucionalizada nas escolas. Esta pronúncia torna, de facto, parónimas e quase homófonas as duas palavras: ἦθος [ĕthos] e ἔθος [ĕthos]. Trata-se do que se designa em fonologia por pares mínimos: apenas se distinguem por um único fonema, neste caso a vogal inicial, do mesmo timbre, respectivamente, /ĕ/ (longo e aberto) e /ĕ̄/ (breve e fechado). Com base na chamada pronúncia “itacista”, que vigorou no ensino escolar até à reforma de Erasmo e da qual o sistema fonológico do grego moderno conserva traços, a transcrição fonética de ἦθος é bem distinta, testemunhando a evolução do fonema /ĕ/ no sentido de /i/: [ithos], sem qualquer grau de semelhança fonológica com [ĕthos] que explique a mínima confusão. Parece-nos, pois, que apenas a influência da pronúncia erasmiana, com atenuação dos traços da quantidade e da abertura como distintivos dos fonemas vocálicos da língua grega, a poderia haver gerado. Os seus estudiosos, como Erasmo ou nós pró-

³⁹ Cf. P. Chantraine, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* (Paris 1968) s. v. ἔθος, εἴωθα e ἦθος, 316, 327 e 407-408, respectivamente.

⁴⁰ *Loc. cit.*. Cf também Cícero, *Fat* 1.1: *quia pertinet ad mores, quod ἦθος illi uocant, nos eam partem philosophiae de moribus appellare solemus, sed decet augentem latinam nominare moralem.*

⁴¹ Quint. *Inst.* 6.2.13.

⁴² Cf. Arist. *Rhet.* 1.2 1356a.

prios, a eles podem recorrer meramente, por assim dizer, como conjecturas arqueológicas “clássicas”. Ao estudioso de grego Heinsius do século XVII haverá porventura sucedido *en passant* o mesmo que a muitos dos deste final do XX, como amiudadas vezes temos verificado ao longo da nossa experiência pessoal de ensino e investigação na língua grega: a indeterminação fonológica entre /ē/ e /ĕ/, com a consequente confusão, na leitura, entre os grafemas η e ε.

* * *

Fez-se a análise exaustiva dos problemas levantados pela lição ἔκθεσι. Em resumo, ela surgiu como correcção de Scheffer à lição ἔθεσι, estabelecida por Heinsius. Esta, por seu turno, não parece ser senão um erro de transcrição de ἦθεσι, do texto de Kämmerer. Propôs-se como explicação para esse erro a paronímia. Quanto à lição sugerida por Scheffer e que Butts aceitou, ela permanece uma incongruência lexical: tal lema, na forma de dativo no texto, não existe em grego. Teria sido lapso de sua parte, quando pretenderia escrever ἐκθέσει, como pensa Walz, ou ἐκθέσει, ou até, como propusemos nós, ἔχθεσι? Nenhuma destas hipóteses parece inverosímil. Maior, contudo, é a responsabilidade de Butts, por nem haver verificado correctamente a ortografia, nem ter feito a crítica da lição que adoptava. O princípio da *lectio difficilior* não foi seguido como deveria: com bom senso, com estabelecimento cuidadoso da história das variantes, sem propor soluções impossíveis na língua grega. Tomando por base tudo quanto foi exposto, a conclusão que se nos oferece é a que menos problemas coloca: a lição correcta é ἦθεσι, aquela que todos os códices unanimemente transmitem. Um *locus similis* (o passo citado do fim do capítulo dedicado à cria) confirma esta hipótese. Não vemos razões para que possa à partida ser infirmada, enquanto não surgirem dados que a venham pôr em causa. Entre tais dados, contar-se-ia, por exemplo, a descoberta de outros manuscritos arménios, não lacunares neste passo, que apresentassem uma versão absolutamente incompatível com o grego ἦθεσι. Conforme já se referiu, são já muitas as provas dadas pela tradução arménia de como é indispensável para uma reconstituição segura do texto grego.